

Leituras do mundo, da palavra e relação com o saber

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n82pg-11>

ALAN VICTOR PIMENTA

ALDA ROMAGUERA

CAROLINA LAURETO HORA

PREZADAS(OS) LEITORAS(ES),

O volume 39, número 82, o segundo da revista *Leitura: Teoria & Prática* no ano de 2021, vem a público após as comemorações de 19 de setembro, data em que se comemorou o centenário de Paulo Freire. Esse educador brasileiro reconhecido internacionalmente por muitas e importantes contribuições para a educação, nos anuncia no livro “A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam” que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Em suas palavras:

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 1989, p. 7).

Paulo Freire defende em seus escritos essa relação dinâmica entre linguagem e realidade e propõe uma relação com os saberes para uma educação libertadora. Entendendo a dimensão ético-política que envolve este posicionamento, a Associação de Leitura do Brasil (ALB), que hospeda esta Revista, homenageia Paulo Freire com a Mostra “Sonhando com Paulo Freire: a educação que queremos”, organizada

pelo artista Bené Fonteles, no 22º Congresso de Leitura (COLE) **Leituras plurais: Escritas equilibradas**, realizado entre os dias 02 e 06 de agosto de 2021.

Ainda que atualmente aconteçam múltiplas tentativas que objetivam achincalhar a imagem de Paulo Freire e apagar (seria um cancelamento?) sua obra em nosso país, não é possível calar as tantas homenagens que se espalham pelo Brasil e em muitos países desde o início deste ano. Foram, são e serão incontáveis encontros acadêmicos, publicações em livros e dossiês, monografias, dissertações e teses provocadas por conceitos freireanos; peças teatrais, documentários, exposições, poemas e quantas outras expressões e artefatos culturais quiserem inventar. São inúmeras as aulas em cursos de formação que espalham as tantas sementes das pedagogias que ele nos ofereceu: da autonomia, da esperança, da indignação... E as práticas docentes, aquelas que acontecem no chão das escolas (em suas mais diversas materializações), cujos educadores e educadoras de crianças e jovens, por estes brasis profundos afora, dedicam seus fazeres a formar sujeitos históricos.

Tais manifestações nos remetem à contemporaneidade de seu pensamento e nos lembram de que no cerne de seu trabalho, está a emancipação de sujeitos por meio do pensamento crítico. Freire nos diz a seu modo que o mundo pode ser tão diverso quanto seus leitores possam concebê-lo. Há no mínimo cerca de oito bilhões de formas de lê-lo e produzi-lo, compondo nossa múltipla realidade. Alberto Manguel dedica a maior parte de seus estudos e escritos ao tema da leitura, e no ensaio “Como Pinóquio aprendeu a ler”, presente na coletânea *À mesa com o Chapeleiro Maluco - ensaio sobre corvos e escrivainhas*, expõe a diferença entre o ato de aprender a ler e o de ser leitor. Analisando a obra de Collodi, Manguel problematiza o desejo do boneco de madeira de ser “um menino de verdade” e o que ele realmente alcança, a partir da formação que recebe ao ir à escola: se torna o que a sociedade espera, aprende a ler um código verbal de maneira superficial e continua sendo um fantoche.

Nessa concepção, para que a palavra assuma seu papel emancipador, e o ato de ler seja significativo, a capacidade reflexiva deve guiar o processo educativo. Não foi o que aconteceu com Pinóquio. Mas é o que a análise crítica de Manguel afirma, é o que defendia Paulo Freire e é também o que está sendo colocado em xeque na perspectiva da Relação com o saber, que tematiza o presente dossiê.

Neste número, publicamos o dossiê *Leitura e a Relação com o Saber*, organizado por Flávio Caetano da Silva. Cada artigo do dossiê tem sua especificidade temática, mas todos esboçam uma leitura da realidade conectada com a experiência e atividade de sujeitos implicados em situações educativas, com as interpretações de mundo desses

sujeitos. Bernard Charlot diz de uma relação com o saber em que o homem educa a si mesmo, por meio de agenciamentos estabelecidos com o outro, consigo mesmo, com linguagens, com o mundo. Ao adentrar as páginas que se seguem, tomamos contato com pesquisas que penetram nesse universo, da produção do desejo de saber.

A belíssima capa do artista Crispim Campos (crispimcampos.com), gentilmente cedida à *Leitura: Teoria & Prática*, convida nossos leitores e leitoras a uma degustação estética com esta *imagem-mundo*, no encontro com as *palavras-mundo* que se oferecem neste número, na companhia de Paulo Freire, Bernard Charlot e cada uma das publicações.

Ótima leitura a todas e a todos.